

A FENOMENOLOGIA E A LIBERDADE EM SARTRE

Joao Victor Albuquerque¹

Aluno graduando do Curso de Filosofia-UFG

joão.victorcbjr@hotmail.com

Eixo temático: fenomenologia e existência

RESUMO

O artigo tem o objetivo de investigar o caminho feito por Sartre para fundamentar a ideia de liberdade. Como veremos, Sartre inicia sua investigação por meio da relação de dois conceitos: o Em-si (objeto) e o Para-si (consciência), que é a relação fenomênica. O conceito de fenômeno resolve o problema da dualidade identificada por Sartre na História da Filosofia, pois a verdade deixa de estar no material ou no imaterial para revelar-se nessa relação. A partir dessa relação e do método interrogativo, Sartre chega à conclusão de que a consciência é ausência de ser, e por isso não é determinada. Assim, a forma como a consciência é descrita e entendida é capaz de explicar a condição fundamental de liberdade humana.

Palavra chave: Sartre, liberdade e consciência.

O presente artigo urge fazer uma explanação sobre uma questão que envolve a liberdade para a fenomenologia. Ou seja, pretende responder a seguinte questão: o que fundamenta o conceito de liberdade para Sartre? Para responder a esta questão será feita uma explanação sobre o fenômeno para demonstrar como esse conceito possibilita a consolidação do conceito de liberdade no pensamento sartreano.

Sartre, em sua obra “O ser e o nada”, identifica um problema que há muito tempo assola a Filosofia na sua busca histórica pela verdade. Sartre aponta o problema do conhecimento da verdade que perpassa pela História da Filosofia e o identifica como um problema dual, pois existem correntes que defendem que a verdade pode ser alcançada a partir do racional, porque reafirmam que a verdade encontra-se no que é imaterial, bem como existem correntes que defendem que a verdade pode ser alcançada a partir do sensível, pois têm como ponto de partida o material para a busca dessa verdade. Para solucionar este problema da Filosofia, Sartre se inspira na evolução da Física de sua época. Pois, a Física nesse período “realizou progresso considerável ao reduzir o existente à série de aplicações que o manifestam” (SARTRE, 2011, p. 15). Com essa concepção em mente, Sartre tenta resolver o problema do dualismo a partir das manifestações do existente, que pressupõe relação

¹ Orientado pela professora da UFG Ana Gabriela Colantoni, doutoranda da UNICAMP.

entre o material e o imaterial, pois a manifestação exige a concretude material de um existente e a interpretação abstrata de um imaterial, ou seja, a manifestação exige o que tem capacidade de ser captado e o que tem capacidade de captar.

Para tanto, Sartre desenvolve o conceito de fenômeno, que é a relação entre consciência (Para-si) e objeto (Em-si). Segundo Sartre, o fenômeno é aquilo que se apresenta realidade de nosso mundo, e não há distinção entre a aparição interior, pelo fato que eles equivalem-se na sua manifestação no mundo, porque é no fenômeno que está contida a verdade da sua essência (SARTRE, p.15, 2011). Para termos mais claramente o que Sartre entende por fenômeno citarei a interpretação de Paulo Perdigão no seu texto a “Existência liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre”:

Sartre segue o princípio de Husserl: “tudo está em ato”. Ou seja: a aparência (fenômenos) das coisas já encerra toda a essência (nômeno). Os fenômenos que nos aparecem (os “entes” de Heidegger) são totalmente reveladores de si mesmo e nada contêm de oculto: são exatamente aquilo que se mostram ser, e não devemos supor que existam potências ocultas ou essências armazenadas por detrás das aparências que podemos observar. Todos os fenômenos através dos quais se manifesta o ser [...] estão em ato e só existem dando provas dessa existência em ato (PERDIGÃO, 1995, p. 36).

Ou seja, o fenômeno é absoluto. Ele se mostra na sua totalidade sem esconder nenhuma propriedade da sua existência, isto é, “tudo está em ato” (SARTRE, 2011, p. 16).

Porém, a ideia de ser e de essência está circunscrita ao olhar do observador, pelo fato que é dele que são apreendidas o ser e sua essência das coisas (objetos) que está no mundo. Deste modo, a verdade está condicionada aos fenômenos que nos são apresentados no mundo, pelo fato que, eles nos revelavam o ser como é verdadeiramente. Mas somos nós que os identificamos, pois por meio de nossa interpretação surge a essência do objeto. O ser do fenômeno revela-se a partir da aparição fenomenológica. “Por exemplo: o fenômeno-livro que tenho frente aos olhos revela todo o seu Ser de livro, mas o ser desse livro não se suprime quando o fenômeno-livro não me aparece” (PERDIGÃO, 1995, p. 36). Ou seja, nada no mundo deixa de existir porque não vejo sua manifestação fenomênica, ainda que, quando ocorre o fenômeno, sua essência é constituída. Contudo, para desenvolver essa ideia mais a fundo, Sartre irá expor dois conceitos, o ser-Em-Si e o Para-Si, que explicará como eles compõe o conceito de “fenômeno”.

Sartre expressa que o ser-Em-si é tudo que está circunscrito a si mesmo. Isto é, ele é fechado dentro de si-mesmo e não possui qualquer capacidade de se relacionar, ele é opaco e maciço. “[E por esse motivo] devemos compreendê-lo como pura positividade: o Ser é o que é, nada além disso” (PERDIGÃO, 1995, p. 37). Quando falamos que “o Ser é o que é”, estamos identificando-o pelo princípio de identidade, uma coisa é igual a si mesmo e nada mais. O que foge desse princípio já não é mais o mesmo Ser, ou nem é Ser.

O Ser também sempre aparece como algo que existe e que está aí no mundo sem que existam os motivos para tal existência. A sua existência só é compreendida como algo absolutamente contingente, sem nenhuma necessidade de implicação. Queremos dizer que

Contingente no sentido de que este ser – o mundo que existe, e não outro – poderia ser diferente. A existência das coisas acontece desse modo, como poderia acontecer de outro, ou mesmo não acontecer. Não temos onde encontrar uma ‘causa primeira’ para o Ser (PERDIGÃO, 1995, p.37).

Porque se aceitarmos que exista um Deus, ou mesmo que o Ser tenha se criado, haveria a necessidade de ter um originador deles, que levaria a um infinito na busca pela causa primeira do ser, com isso não obteríamos resposta considerável. Assim, o Ser existe e é o que é independente de qualquer razão, circunstância ou necessidade e está por toda parte no mundo de forma gratuita e acidental.

Mas, como podemos conhecer o seu Ser? Para responder a esta questão devemos explicitar que Sartre nos revela que existe um Ser que participa deste mundo que se diferencia na qualidade do ser-Em-si. Esse ser, para Sartre, é o ser consciência, pois a consciência é essa propriedade do Ser que é capaz de pensar as coisas e si mesmo de modo reflexivo em seus juízos e interrogações. Para a consciência poder conhecer e se reconhecer é necessário que ela faça um “recuar de algum modo diante do objeto visado para ser consciência dela” (PERDIGÃO, p. 38, 1995), isto é, para ser conhecida. Deste modo, a consciência é sempre consciência de alguma coisa.

Sartre chama a consciência de Para-si, pois, como foi dito acima, ela é transcendência de si mesma, por nunca seu ser coincidir com ela mesma no presente. Segundo Perdigão, “o Para-si (expressão que define a consciência como distância ao Ser) sugere o que seria uma desorganização interna, rompe-se e se descola de si” (PERDIGÃO, 1995, p. 39). O que Paulo Perdigão está

querendo expressar é que a consciência rompe com a compreensão do ser-Em-si, pelo fato de que o Para-si é um ser que é ativo no mundo, diferente do Em-si. Deste modo,

A consciência nada tem de substancial, é uma pura ‘aparência’, no sentido de que só existe na medida em que se aparece” (EN, p.23). Nessa perspectiva, pode-se dizer que a consciência permanece presa a si, sem conseguir abandonar-se. Por outro lado, contudo, o ser mesmo da consciência é a intencionalidade. [...]. E a oposição não se verifica meramente em um plano gnosiológico, nem autoriza a enxergar no para-si uma substância subjetiva; com efeito, se a oposição é radical e se o em-si é o ser, então o para-si, sendo fundamentalmente outro que não o em-si, só pode ser nada – e uma nada que deve ser elucidado em um plano ontológico, como fundamento do para-si (BORNHEIM, 2007, p.38-39).

Mas, como chegamos ao nada? Como ele desenvolve esse tema? Para compreendermos como tal tema se desenvolve devemos lembrar que a consciência é um ser que consegue questionar as coisas e a si mesmo, e que ela é o para-si devido ao fato de que ela se relaciona em si e para consigo mesmo. É nessa relação de poder interrogar que Sartre apresenta como surge o nada. Segundo Sartre, quando nos interrogamos sobre algo no mundo sempre existe um ser que pergunta e um ser é perguntado, ou seja, existe uma relação primitiva entre o Para-si e o Em-si. No entanto, essa relação não proporciona uma única resposta, pelo fato de que ela aceita tanto uma resposta afirmativa quanto uma que seja negativa. A possibilidade de uma resposta negativa coloca em situação não-determinação, isto é, não fica claro se a resposta deve ser afirmativa ou negativa. “Assim, a pergunta é uma ponte lançada entre dois não-seres: não-ser do saber no homem, possibilidade de não-ser no ser transcendente” (BORNHEIM, 2007, p. 39). Porém, há uma terceira forma de nada que Sartre chama de “não-Ser da limitação”. Esse nada surge quando respondo que tal objeto possui determinadas características, nego-lhe outras que não sejam as suas.

Assim, chegamos à ideia do nada por meio da negação, porque a negação representa o não-ser e o não-ser é compreendido como nada. Logo, devemos entender que o nada surge do juízo da negação, do não-ser, que é fruto da nossa consciência quando tenta definir/responder alguma manifestação que se apresenta na realidade do mundo. Deste modo, não podemos compreender o nada fora do ser, nem como algo fechado e quimérico, e nem podemos fazer relações do nada ao ser. “Como efeito, a força nadificadora do nada revela-se no negativo” (BORNHEIM, 2007, p. 43). Por outro lado, esse processo de nadificação pressupõe um modo de ser. Em outras palavras “o nada não se nadifica, o nada é nadificado” (BORNHEIM, 2007, p.43). Logo, o nada não advém de si e

nem do em-si, mas sim da consciência do homem. Pois é quando indagamos que surge o não-Ser. “O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (BORNHEIM, 2007, p.43).

Ainda Sartre diz que o não-Ser somente pode partir de um não ser. Se o nada vem do homem, logo, o homem também é o nada. Por ser ausência de ser, ele não é determinado, portanto, possui liberdade. O homem é esse ser livre que não é condicionado e determinado no mundo. Sua liberdade é estabelecida pelo fato que ele “não é estruturado por nenhuma constituição interna” (BORNHEIM, 2007, p.46). Com isso fica claro que a liberdade é a indeterminação absoluta e por esse motivo ela se revela na consciência do homem. Deste modo, Sartre, considera que “a liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do homem acha-se em suspenso no homem” (SARTRE, 2011, p.68). E a sua existência nada mais é do que a condenação à liberdade. Pois o homem mesmo sendo livre não pode deixar de ser livre, porque, a liberdade está envolvida em seu modo de ser.

Por conseguinte, nosso objetivo desse artigo foi produzir um esclarecimento sobre como se deu o desenvolvimento da liberdade do homem por meio da compreensão do fenômeno. Isto é, descrevemos os passos que Sartre segue para se chegar à conclusão da liberdade, por meio de exposição dos conceitos do Em-si e do Para-si. Vimos ainda que a liberdade nada mais é que indeterminação do homem que é dada pela consciência. E qualquer tentativa de escapar dela é em vão, pois o homem é condenado a ser livre mesmo não querendo ou se escondendo. Como isso, esse é o início de nossa proposta de investigação sobre o fundamento da liberdade em Sartre.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORNHEIM, G. *Sartre-Metáfisica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão, 20 ed. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade*: Uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.